

CORPOS QUE LEEM CORPOS: UM OLHAR PARA OS RITUAIS DE REZADEIRAS PARAIBANAS

Marcelo Vieira da Nóbrega*

 <https://orcid.org/0000-0002-1692-959X>

Radamés Alves Rocha da Silva**

 <https://orcid.org/0009-0008-1643-6681>

Como citar este artigo: NOBREGA, M. V. da; SILVA, R. A. R. da. Corpos que leem corpos: um olhar para os rituais de rezadeiras paraibanas. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017985>

Submissão: 12 de maio de 2025. **Aceite:** 30 de maio de 2025.

Resumo: Este manuscrito investiga o ritual de leitura de corpos a partir da atividade das rezadeiras/benzedeiras, localizadas no espaço que denominamos Triângulo Místico do Agreste Paraibano, doravante Tmap, entre os municípios de Areia, Remígio e Esperança. A pesquisa delimita-se na análise da importância desses corpos – tanto do(a) rezador(eira)/benzedor(eira) quanto do sujeito em busca de cura – enquanto matrizes dialógicas de leitura constante.

Palavras-chave: Leitura. Corpos. Ritual. Rezadeiras/benzedeiras. Cura.

* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: marcelaodocantofino@gmail.com

** Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEE-PB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: radamesrocha@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este manuscrito, de natureza etnográfica e bibliográfico-documental, investiga o ritual de rezas/benzeções de homens e mulheres benzedores centrados no *locus* que categorizamos como Triângulo Místico do Agreste Paraibano, doravante Tmap, cujos vértices limitam-se entre os municípios de Areia, Remígio e Esperança. A pesquisa, para além deste objetivo, delimita-se na análise da importância dos corpos – tanto do(a) rezador(eira)/benzedor(eira)¹ quanto do sujeito em busca de cura – enquanto matrizes de leitura constantes. Para tal, detalhamos, com base na descrição real de dois movimentos de rezas/benzeções, promovidos por duas mulheres rezadeiras, a ritualística adotada, com base nos seguintes detalhamentos sequenciados: passos a serem seguidos, natureza e tipologia das rezas, suas intenções, topografia espaçotemporal centrada no corpo rezado, bem como a mediação singular de elementos da natureza intermediando, no ritual, a tríade rezadeira, o divino e o ser em cura.

A mesorregião do Agreste Paraibano é composta pelas cidades de Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, Campina Grande, Cuité, Esperança, Remígio, Guarabira, Itabaiana, Lagoa Seca, Queimadas, Solânea e Umbuzeiro, tendo a cidade de Campina Grande como sede.

No mapa a seguir destacamos as três cidades – Areia, Remígio e Esperança –, com base nas quais delimitamos o Tmap, área de abrangência dos sujeitos rezadores/benzedores, objetos da pesquisa.



Figura 1 – Mapa de circunscrição do Triângulo Místico do Agreste Paraibano

Fonte: Adaptado de: <https://www.brasil-turismo.com/mapas/paraiba.htm>.

O *corpus* analítico delimitou os movimentos de rezas/benzeções – entre os nove colaboradores rezadores/benzedores (oito mulheres e um homem) identificados e entrevistados no Tmap – em duas benzedoiras, cujos rituais de rezas

¹ Distinção embasada nos depoimentos dos próprios rezadores/benzedores, para quem a reza ocorre sem os ramos; já na benzeção, recorrem a estes. Segue a diferenciação proposta por R1: “Reza é sem o ramo, né? Tô assim, olhando pra pessoa, boto a mão na cabeça e fico rezando. Ai ali eu acho que é a rezadeira. A benzedeira é aqui mesmo. (Fazendo movimentos com as mãos). Quer dizer que eu faço ajustes. Eu tanto rezo com ramo quanto sem ramo” (entrevista gravada no distrito de Muquém, município de Areia, PB, em 17/04/2025).

serão detalhados. Para efeito de preservação de suas faces, as colaboradoras serão identificadas por R1 e R2. A escolha privilegiou a preferência pelo gênero feminino, já que a maioria das entrevistadas são rezadeiras mulheres.

No Quadro 1, detalhamos informações gerais acerca das colaboradoras.

Identificação	Idade	Origem	Tipos de rezas/ benzimentos que pratica	Elementos/artefatos de uso durante a reza/benzeção	Religião declarada/ santo(a) de devoção
R1	75	Fazenda Olho D'água. Distrito de Muquém, Areia (PB)	Mau-olhado; dor de cabeça; vermelhidão; de coser, nervo torcido; espinhela caída; peito aberto; erisipela; dor de dente	Raminho (sempre um número ímpar de galhos, de preferência pinhão roxo ou arruda, utilizado apenas para mau-olhado); fita vermelha (espinhela caída); agulha com paninho (de coser, de nervo torcido); só com as mãos (ventre caído, dor de cabeça, erisipela, dor de dente; para abrandar e/ou apartar briga)	Católica/ Nossa Senhora Aparecida, Mãe Rainha e Nossa Senhora das Dores
R2	86	Sítio Mazagão, distrito de Muquém, Areia (PB)	Mau-olhado; ventre/espinhela caído/a; peito aberto; hemorragia; dor de dente; dor de cabeça; erisipela; de pontada; de xuxada; nos olhos; nos ossos; nas carnes; na feiura; na boniteza; na esperteza; nos poderes; gado mordido de cobra	Um dente de alho na boca e um raminho (sempre um número ímpar de galhos, desde que não seja flor colorida, utilizado apenas para mau-olhado); fita vermelha (espinhela caída); agulha com paninho (de coser, de nervo torcido); só com as mãos (ventre caído, dor de cabeça, erisipela, dor de dente; para abrandar e/ou apartar briga)	Católica/ São Francisco das Chagas e Nossa Senhora da Conceição

Quadro 1 – Informações gerais das rezadeiras/benzedeiras referentes às crenças, aos procedimentos ritualísticos e aos demais acessórios utilizados nas rezas

Iniciemos, ao tratarmos da ritualística das benzedeiras/rezadeiras, com um movimento teórico caro à temática: a relação indissociável presente na tríade corpo, leitura e *performance*. Isso se justifica porque nesse ritual ambos se completam de tal forma que a exclusão de qualquer deles rompe a dinâmica enunciativa do momento, acontecimento único, no dizer de Benveniste (1974).

CORPO, LEITURA E PERFORMANCE NOS RITUAIS DE REZAS/BENZIMENTOS

Com efeito, no ritual das rezas/benzimentos há sempre dois corpos que se enunciam e se interpenetram: o da rezadeira e o de quem busca a cura. O primeiro, em posição ativa, movido pela força do divino, que tange a todos os sentidos da força do simbólico; o segundo, à espera da cura, em atitude menos ativa, porém entregue, atento. Ambos constituem o que aqui chamamos de monumento semiótico.

Para a ideia de corpo, recorremos a Zumthor, Glusberg e Foucault. Para o primeiro, refere-se

[...] ao “fiel da balança”, aquilo que vivemos, possuímos e somos, a realidade mesma, vivida; [...] não apenas um conjunto de órgãos e tecidos, mas o suporte de nossa subjetividade; sendo assim, encontra-se, desde longa data, exposto às pressões do social, do institucional e do jurídico [...]; é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. Dá a medida e as dimensões do mundo; o que é verdade na ordem linguística, na qual, segundo o uso universal das línguas, os eixos espaciais direita/esquerda, alto/baixo e outros são apenas projeção do corpo sobre o cosmo. É pelo corpo que o sentido é aí percebido. O mundo tal como existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre, de maneira primordial, da ordem do sensível: do visível, do audível, do tangível (Zumthor, 2007, p. 23, 75-78).

Nessa mesma direção, segue Glusberg (2003, p. 58), para quem o corpo é “[...] uma matéria moldada pelo mundo externo, pelos padrões sociais e culturais, e não a fonte, a origem de seus comportamentos”. Corpo enquanto signo (Glusberg, 2003, p. 76) ou, numa perspectiva de aprisionamento, “[...] lugar sem recurso ao qual estou condenado (Foucault, 2013, p. 7-8).

Em ambas as percepções, por diferentes vieses, o corpo adquire autonomia, é matéria, monumento semiótico sujeito às intempéries que o cercam e o ameaçam a todo momento; é medidor do mundo, agente e paciente ao mesmo tempo. Do ponto de vista semiótico, é escritura, já que se projetam sobre ele todas as ações do mundo, impregnando-lhe marcas, quase sempre, indelévels.

Por sua vez, aqui compreendemos leitura para além de seu sentido linguístico, como “[...] encontro e confronto pessoal, diálogo. A ‘compreensão’ que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua” (Zumthor, 2007, p. 63). Na ritualística da benzeção/reza, típica de oralidade pura², é a voz que transporta a palavra, voz viva, extensão do corpo, ligada aos múltiplos sentidos.

Na leitura, quando ocorre em uma situação de grupos sociais marcados por níveis de letramento típicos da oralidade pura – caso da situação social na qual se inserem as rezadeiras/benzedeiras –, o corpo é pura escritura, é monumento semiótico para o qual convergem, em *performance*, todos os sentidos humanos. A inteligência, a emoção se acham “[...] misturadas simultaneamente em jogo, de maneira dramática, que vem da presença comum do emissor da voz (na cena, a rezadeira/benzedeira) e do receptor auditivo, o(a) paciente” (Zumthor, 2007, p. 66-67).

2 “Primária e imediata, não comporta nenhum contato com a escritura. De fato, ela se encontra apenas nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos [...]” (Zumthor, 1993, p. 18).

Nesse sentido, “[...] é por meio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, co-presença, esta gerando o prazer. Esse ato único é a *performance*” (Zumthor, 2007, p. 65). Para o acontecimento da reza, a tensão máxima se perfaz “na situação performancial”, momento em que “[...] a presença corporal do ouvinte (paciente) e do intérprete (da rezadeira) é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília” (Zumthor, 2007, p. 67).

Em outra perspectiva, entendemos essa natureza de *performance* como singularíssima, porque subsiste uma presença invisível, que é manifestação de um outro a expressão mediadora do apelo ao divino, por meio do discurso religioso, que compromete o conjunto das energias corporais da rezadeira. O texto transmitido oralmente é intenso em sua presença. Essa natureza de *performance*, por ser singularíssima – para além da audição acompanhada de uma visão global da situação de enunciação –, é visual, é sinestésica, é de corpo e alma.

Nessa situação, o corpo é signo, matéria viva em ação. Trata-se de um acontecimento de ritualização forte, mediado por ele. É nessa compreensão que recorremos a Segalen (2002, p. 31) acerca da definição de rito e ritual como

[...] um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. O uso do ritual é paralelo ao aparecimento da humanidade.

Nessa perspectiva, para Turner (1974, p. 18-19), os rituais “[...] revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente”. E, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Logo, os símbolos³ neles envolvidos condensam, unificam e polarizam os significados, dando-lhes inúmeros sentidos. Assim, segundo Chanlat (1996, p. 43), o universo humano “[...] é um mundo de signos, de imagens, de metáforas, de emblemas, de símbolos, de mitos e de alegorias. Todo ser humano e toda sociedade humana produziram uma representação do mundo que lhe confere significado”. Canto, música, gestos, evocação e demais expressões humanas são movimentos típicos de situações ritualísticas, sempre carregados de força simbólica.

Dessa forma, segundo Segalen (2002), os ritos insistiram especialmente na recorrência das formas, estruturas ou sentidos. Eles insistiram “[...] especialmente nas recorrências das formas, necessárias para fortalecer uma moldura à experiência e para atribuir, à força de repetição, o esboço de uma linguagem de que todos compartilhem os símbolos” (Segalen, 2002, p. 117). Constituem formas de o ser humano “[...] expressar e manifestar suas percepções sensíveis por meio de discursos, narrativas e símbolos que variam conforme a pluralidade de ações inserida em cada ritual específico” (Silva, 2008, p. 7). Ao se aproximar do pensar de Durkheim, Rivière (1996, p. 16) vê o ritual como um fato social, portanto, de coesão intergrupal, que “[...] busca renovar ou refazer a identidade, a personalidade do grupo e da sociedade”.

3 Aqui utilizado como “usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção” (Geertz, 2015, p. 136).

No tópico seguinte investigaremos, com base na análise dos rituais observados em diferentes movimentos tipológicos de rezas e benzimentos, demonstrados pelas colaboradoras R1 e R2, a relação entre gesto e palavra (voz) em ação nos corpos em leitura.

RELAÇÃO ENTRE ATITUDES, GESTOS E PALAVRAS NO RITUAL DA REZA/BENZIMENTO: A FORÇA DO VERBO-MOTOR

O ritual da reza/benzimento ocorre em *locus* espacial que enquadra num único plano rezadeira/benzedeira e paciente. Aqui acontecem duas perspectivas de leitura: a da profissional, por meio da voz e do gesto (extensões do corpo), em *performance*⁴, agindo sobre o corpo do(a) paciente; e a deste(a), por meio da oitiva, em busca da cura. O gesto e a voz da profissional, costurados por raminho ou fita, agem sobre o corpo do(a) paciente.

Como o faz a voz, o gesto projeta o corpo no espaço da performance, visando a conquistá-lo, a saturá-lo com seu movimento. A palavra pronunciada não existe em um contexto puramente verbal: ela participa necessariamente de um processo geral, operando numa situação existencial que ela altera de alguma forma e cuja tonalidade engaja os corpos dos participantes. Marcel Jousse ligou o gesto e a palavra a um dinamismo complexo que denominou “verbo-motor”. Por sua vez, Bertold Brecht forjou a noção de gestus, abraçando, junto com o jogo físico do ator, uma certa maneira de dizer o texto e uma atitude crítica do locutor diante das frases que ele enuncia. Na fronteira entre os dois domínios semióticos, o gestus dá conta de que uma atitude corporal encontra seu equivalente numa inflexão de voz, vice-versa, continuamente (Zumthor, 2005, p. 147-148).

Aqui ratifica-se o que acima já denominamos monumento semiótico, isto é, um corpo pleno decomposto por dois corpos que se leem simultaneamente. Esse acontecimento tem no corpo o seu maior protagonismo: o dom parte deste e a ele se destina. No momento em que a ação da voz, da reza (em voz alta ou apenas ruídos muitas vezes ininteligíveis), em *performance*, “[...] se transforma em voz, uma mutação global afeta suas capacidades significantes, modifica o seu estatuto semiótico e gera novas regras de semantividade” (Zumthor, 2005, p. 148). A palavra parece se fundir enquanto resina ao corpo do(a) paciente em reza, já que o gesto, em *performance*, comanda a ação: este é o motor da ação. Muito mais gesto do que voz audível. Ao ser questionada como rezava, se sussurrando com a voz baixinha ou tom mais alto, R1 assim responde:

É mais baixo. Porque às vezes tem uma pessoa ali, a gente tá rezando e um curioso ali. Porque se eu ensinar a minha reza a uma mulher, a minha força já era. Eu tenho que passar pra um homem, mas pra mulher eu não posso. E o homem, se souber, tem que passar pra mulher, não pode passar pra outro homem, porque senão a força da reza já era.

⁴ Nesse sentido, “a *performance* é jogo, espelho, desdobramento do ato e dos atores, para além de uma distância engendrada por sua própria intenção. Na forma de um jogo mais ou menos fortemente ritualizado, a voz e o gesto que o acompanham propiciam uma adesão, e são eles que convencem: as frases sucessivas debitadas pela voz entram sucessivamente, no decorrer da audição, em correspondências mútuas de coesão” (Zumthor, 2005, p. 148).

Esse depoimento de R1, associado a outros em R2, que veremos adiante, levanta uma questão curiosa que denota o que denominamos atitudes de reza/benzimento. No Quadro 2, sintetizamos algumas das atitudes captadas.

Colaboradora	Atitude de rezas/benzimento
R1	<p>1. Sobre a forma como reza: “reza baixinho”.</p> <p>2. Não rezava se estivesse menstruada: rezadeira menstruada, “a reza fica inválida ou fraca”.</p> <p>3. Reza todos os dias. No domingo, apenas após a missa.</p> <p>4. Não cobra nenhum valor pra reza. Apenas aceita “agrado”.</p> <p>5. Se for reza com raminho, escolhe sempre um número ímpar de galhos, jamais número par: “tudo que é pra curar, só não pode ser par. Ou um, ou três, ou cinco, ou sete” [...]. “Eu uso mais pinhão roxo. Arruda. É o mais que eu uso”.</p> <p>6. Admite ser sensitiva: “É, como se tá se passando. Eu fui rezar com o teu pai, e vi tua vó junto dele. Eu disse assim, eu disse que tinha uma mulher junto dele. Aí mostrou a foto, eu disse que era ela. A mãe do Sr. Paulo, o tio dele”.</p> <p>7. Impacto da reza sobre a rezadeira: “Tem gente que quando eu acabo de rezar, eu fico doente”.</p> <p>8. Destinação do raminho no pós-reza: “Joga fora. Se eu der a outra pessoa pra pegar, pega com a mão esquerda e joga lá fora. Não pode pegar com a mão direita. Não quer passar mais pra pessoa”.</p> <p>9. Presença de terceiros durante a reza: “Eu dou uma olhadinha, assim, pra um canto, pra outro, ver se tem alguém curioso, né? [...] E na hora que eu tô rezando, não pode ficar a outra pessoa na porta. Porque o olhado fica ali, onde está a porta” (porta de entrada da casa).</p> <p>10. Reza a distância: “Reza. Só com o nome da pessoa ou pela foto. Rezei muito tua irmã. Eu descobri até a cor da casa que ela morava. Aí, quando ligou ela disse: tem a parte da frente amarela”.</p> <p>11. Sobre passar a reza adiante, sempre para alguém do gênero oposto: “Porque se eu ensinar a minha reza a uma mulher, a minha força já era. Eu tenho que passar pra um homem, mas pra mulher eu não posso. E o homem, se souber, tem que passar pra mulher, não pode passar pra outro homem, porque senão a força da reza já era. [...] se alguém pretende, quer dizer, eu ensino”.</p> <p>12. Quantidade de rezas: quase sempre três vezes.</p>
R2	<p>1. Reza qualquer dia da semana em qualquer horário: “Não tem dia, não. No dia que chegar eu benzo”.</p> <p>2. Durante a reza não sente nenhum esmorecimento, salvo se for retirando mau-olhado provocado por mulher: “Quando eu rezo, eu fico assim, meia lá, meia cá, mas melhora depois. E os homens, eu rezo, mas não tem tanto...”.</p>

(continua)

Colaboradora	Atitude de rezas/benzimento
R2	<p>3. Admite distinguir mau-olhado quando provocado por homem ou mulher: <i>“Porque se a gente for benzer de mulher, a gente benze e se encontra mal. E se for de homem é mais tranquilo [...] Porque se for... (riso solto). Porque se for de mulher, às vezes é mais carregado, viu?”</i>.</p> <p>4. Não recebe pagamento pela reza.</p> <p>5. Se for reza com raminho (exceto raminho: <i>“só não pega gente fulor, fulorada”</i>), pega três galhos apenas, nunca número par; põe também um dentinho de alho na boca: <i>“É, bota o dente de alho na boca e cura qualquer pessoa, não fica com nada [...] no fim, jogo fora, pronto”</i>.</p> <p>6. Procedimento de reza: baixinho.</p> <p>7. Sobre passar a reza adiante: <i>“O povo não vem pra eu ensinar. Não vem perguntar pra eu ensinar. Como é que eu ensino?”</i> (risos).</p>

Quadro 2 – Atitudes de reza/benzimento

O confronto entre as duas atitudes de reza/benzimento nos aponta para alguns resultados comuns. O primeiro deles é que tais atitudes fazem parte de uma aquarela de símbolos sagrados, presentes em tais rituais, que funcionam, no dizer de Geertz (2015, p. 134), para

[...] sintetizar o ethos⁵ de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem.

Tais símbolos modelam e induzem o crente a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência. Tudo regido sob a força da religião, responsável por ajustar “[...] as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projetar imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana” (Geertz, 2015, p. 134). Afinal,

Qualquer fracasso crônico do aparato explanatório, do complexo de padrões culturais recebidos (senso comum, ciência, especulação filosófica, mito) que se tem como mapeamento do mundo empírico para explicar as coisas que exigem uma explicação, tende a conduzir a uma inquietação profunda – uma tendência bastante mais difundida e uma inquietação muito mais profunda do que supúnhamos, desde que foi abalada, no bom sentido, a perspectiva de pseudociência da crença religiosa. Afinal de contas, até mesmo esse prelado superior do ateísmo heroico, Lorde Russell, observou certa vez que, embora o problema da existência de Deus nunca o tenha perturbado, a ambiguidade de certos axiomas matemáticos ameaçava desequilibrar sua mente. E a profunda insatisfação de Einstein com o quantum mecânico baseava-se na incapacidade dele de acreditar que, como dizia, Deus joga dados com o universo – uma noção bem

5 Corresponde aos “aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos que a compõem” (Geertz, 2015, p. 184).

religiosa. Essa busca de lucidez e a torrente de ansiedade metafísica que se derrama quando os fenômenos empíricos ameaçam permanecer intransigentemente opacos também se encontra em níveis intelectuais mais humildes (Geertz, 2015, p. 147-148).

Assim, a inquietação, a dúvida, a incerteza, o fracasso gerado no ser, como efeito do fracasso científico em suprir as necessidades humanas de melhoria em todos os sentidos de sua vida, o empurram à crença. Quem busca a cura por meio da benzeção, por exemplo, em tese, não nega a ciência, mas acredita que a intervenção divina pode suplantar os vácuos deixados pelas lacunas científicas, ainda a serem preenchidas.

Nessa perspectiva, alguns elementos chamam a atenção quando confrontamos os dois movimentos de rezas/benzeções das colaboradoras anteriormente mencionadas. O primeiro deles refere-se ao ato de verbalização e/ou oralização do ato: “reza baixinho”, de forma gratuita, isto é, sem cobrança de qualquer valor financeiro ou venal. Parece haver relação direta com o texto bíblico “[...] curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. *Vocês receberam de graça; deem também de graça*” (Mateus 10:8, grifo nosso). Isso porque, ao serem questionadas como aprenderam as rezas, as colaboradoras foram unânimes:

Meu pai me ensinou. Porque o povo chegava aí e queria que eu benzesse, eu que peguei a benzer e vim. Até hoje ainda benzo. Quando eu cuido qui não, vem até a gente da banda da rua, de Remígio, vem o povo que me conhece. Quando eu cuido qui não, chega aqui (R2).

ou

Aprendi a rezar com a tia Antônia, eu já com 35 anos [...]. Porque quando eu tinha os meninos, que eu ia pra casa do povo, se aborrecida, eu dizia, eu sei rezar. Eu dizia, eu sei rezar, então eu vou rezar meus filhos. Aí pronto. Aí fiquei rezando todo mundo. Aí eu tenho um dom, sabe? Porque quando eu tô rezando, eu vejo que tá se passando com as pessoas. Eu já tenho isso, que eu não sei. [...] Eu ia levando minha sobrinha pra rezar. Aí ela, eu mocinha novinha, né? Aí ela disse, eu vou ensinar a rezar [...] Ela rezando outra pessoa e eu prestando atenção. Aí começou, ela falava um pouco meio gago, né? Mas eu não entendi o que ela dizia (R1).

Em um dos depoimentos de R1, um fato chama a atenção: admitir não rezar enquanto estava menstruada: “a reza fica inválida ou fraca”. A atitude parece remeter à antiga tradição cristã, marcada no Velho Testamento, mais precisamente no fragmento “Quando uma mulher tiver fluxo de sangue que sai do corpo, a impureza da sua menstruação durará sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até a tarde⁶”.

Entretanto, quando o assunto é tradição no repasse da reza/benzeção, houve divergências. A colaboradora R2 mostrou-se aberta ao ensinamento (“O povo não vem pra eu ensinar. Não vem perguntar pra eu ensinar. Como é que eu ensino?”). Já R1, embora tenha também se disponibilizado a ensinar a qualquer pessoa, apresentou uma ressalva: a reza repassada a uma pessoa de mesmo gênero não tem validade:

6 Cf. Levítico, 15:19.

Porque se eu ensinar a minha reza a uma mulher, a minha força já era. Eu tenho que passar pra um homem, mas pra mulher eu não posso. E o homem, se souber, tem que passar pra mulher, não pode passar pra outro homem, porque se não a força da reza já era [...] Se alguém pretende, quer dizer, eu ensino (R1).

A tradição do enfraquecimento da reza, ao ser transmitida para o mesmo gênero, parece abrir flanco à fronteira do obscuro, da incerteza, daquilo que transcende o chamado conhecimento demarcado. A tese de Geertz (2015, p. 149) vai a esse encontro:

O que ocorre mais comumente é a dificuldade persistente, constante, reexperimentada, de aprender certos aspectos da natureza, de si mesmo e da sociedade, de trazer certos fenômenos esquivos para a esfera dos fatos culturalmente formuláveis que tornam o homem cronicamente inquieto, dirigindo para eles um fluxo mais uniforme de símbolos de diagnóstico. O que existe além da fronteira relativamente demarcada do conhecimento acreditado e que se avulta como pano de fundo na rotina cotidiana da vida prática é justamente o que coloca a experiência humana ordinária num contexto permanente de preocupação metafísica e levanta a suspeita difusa, oculta, de que se pode estar perdido num mundo absurdo.

Assim, a religião precisa afirmar algo acerca da natureza fundamental da realidade, sob pena de se restringir a uma coletânea de práticas estabelecidas e sentimentos convencionais aos quais habitualmente nos referimos como moralismo (Geertz, 2015).

Nessa perspectiva, Ricoeur (1997) nos suscita alguma luz acerca desse vácuo cujo destino do pensar humano caminha a um pensar metafísico. Ao tratar da questão da força da tradição⁷, esse teórico percorre um trajeto teórico-metodológico para fundamentar a noção de tradição a partir de três perspectivas, a seguir discriminadas:

a) a de tradicionalidade – entendida como estilo formal de encadeamento que garante a continuidade da recepção do passado; b) a das tradições – que consistem nos conteúdos transmitidos como portadores de sentido; e c) a da tradição propriamente dita – tida como instância de legitimidade, designa a pretensão à verdade (o ter como verdadeiro) oferecida à argumentação no espaço público da discussão. [...] A pretensão à verdade dos conteúdos de tradições merece ser tida como uma presunção de verdade, enquanto uma razão mais forte, ou seja, um argumento melhor, não se apresenta (Ricoeur, 1997, p. 379-381, grifo nosso).

Dessa forma, pretende-se como verdadeira a tradição até que se prove algo em contrário. “É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas” (Geertz, 2015, p. 161).

Em outra perspectiva, detalhamos no Quadro 2 um terceiro elemento, qual seja, a variedade de usos dos símbolos, fundamentais ao movimento da reza/benção. Aqui os classificamos em três categorias: 1. os de reprodução icônica; 2. os naturais; e 3. os métricos e de manipulação de corpos. Vale destacar que

⁷ Aqui entendida como as coisas já ditas, enquanto nos são transmitidas ao longo das cadeias de interpretação e de reinterpretação (Ricoeur, 1997, p. 380).

[...] os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente (Geertz, 2015, p. 152).

É preciso destacar que a dinâmica ritualística da reza/benção segue uma estrutura composta basicamente de três passos: introdução; a reza/benção propriamente dita; e o oferecimento. Na primeira categoria proposta, destacam-se os símbolos de reprodução icônica, rigorosamente iniciantes de cada momento, quais sejam: sinal da cruz: “Aí eu começo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (R1); ou no final da reza: “Aí quando termina, reza o Pai Nosso com a Ave Maria e oferece as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que aquele bicho que a gente curou, com os poderes de Deus, sairão felizes e bons” (R2); “E sempre fica fazendo o sinal da cruz em cima do bicho” (R2, no caso de cura de animais vítimas de picada de cobra). Já na segunda, a dos símbolos naturais, destaca-se o raminho. Ambas as colaboradoras o utilizam, prioritariamente, para reza de mau-olhado, usando três raminhos. Entretanto, R1 também faz uso para as rezas do olho (problema nos olhos), para erisipela e mal de monte (altitude). No Quadro 3, detalhamos, com base nos depoimentos de R1, as três rezas/ benzimentos.

Colaboradora	Categoria do mal	Atitude de rezas/benzimento
R1	Mau-olhado	Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. <i>Com dois te botaram, com três eu te tiro, com as três palavras da Santíssima Trindade, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Se te botaram atrás, tiro com o Senhor São Braz. Se te botaram na frente, tiro com o Senhor São Vicente. Se te botaram nas feição, com a Virgem da Conceição. Se te botaram na indisposição, tiro com o Senhor São João. Se te botaram na alegria, tiro com a Virgem Maria. Olhado quebrante, mau-olhado que te botaram, retiro para as ondas do mar sagrado, onde não faça mal a ninguém. Se te botaram no começo, se botaram no reverso, se te botaram no dormir, se botaram na gordura, se botaram no trabalho, olhado, quebrante e inveja, retiro pras ondas do mar sagrado, onde não faça mal a ninguém. Pais é domine, São Cosme, são palavras que Deus disse: olhando quebrante, o mau-olhado que tem, olhos grandes, retiro para as ondas do mar sagrado, onde não faça mal a ninguém. Aleluia, Virgem Mãe. Jesus Cristo no altar. Olhado, quebrante, inveja, retiro pras ondas do mar sagrado. E aí de novo, Pai Nosso, Ave Maria, quando faz três vezes... (categoria 1).</i>

(continua)

Colaboradora	Categoria do mal	Atitude de rezas/benzimento
R1	Mau-olhado	<i>Aí faz o oferecimento... Aí quando acaba de rezar, ele diz: fulano eu te curei com Deus Pai, eu te curei com Deus Filho, eu te curei com Deus Espírito Santo. Como Deus se viu livre dessa coroa de espinhos, esteja livre desse mau-olhado para sempre. Amém (R1) (categoria 1).</i>
	Mal do olho	<i>Aí você pega um raminho assim, né? É quando o olho tá enraizado, né? Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (categoria 1). Deus disse, Deus falou e Deus confirmou. O ramo do teu olho para sempre arretirou. No central do olho, não sinta o queimor. Deus disse, Deus falou, Deus confirmou. Pai Nosso que está no céu... (categoria 1). Deus disse, Deus falou, Deus retirou. O ramo do teu olho, ardou para sempre, arretirou.</i>
	Erisipela	<i>Pega um pouquinho d'água aí e rega no raminho com três olhos de pinhão roxo. Com água celeste, com água da fonte. Eu te curo, Radamês, da erisipela e mal de monte. É erisipela que tu tem? E que tudo vá pras ondas do mar sagrado e não fazer mal a ninguém. Tu vai comer, tu vai beber, tu vai louvar a Deus todos os dias da sua vida. Amém. Pai Nosso, Ave Maria... (categoria 1). Oferecimento: Isso aqui eu ofereço a Nossa Senhora do Desterro. Desterrai essa dor, desterrai esse queimou, desterrai esse ardor, que nunca mais ele há de se sentir. Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, que te curou para sempre, amém! ... (categoria 1).</i>
	Mal de monte (altitude)	<i>(É a mesma da erisipela.)</i>
R2	Gado picado por cobra	<i>Se chega uma pessoa e vê que o bicho tá todo se tremendo e diz assim, foi a cobra. Mas não é pra ninguém dizer. Se o bicho tá ali tremendo, chega o curador, cura e não diz a ninguém o que foi. Só quem sabe é o curador que reza e então o dono do bicho, que a gente diz. Aí eu vou curar. Tem um bocado de gente, aí eu arretiro tudinho. [...] Agora eu só não quero ninguém perto. Quando a gente vai rezar, a gente sai, quem tiver perto, a gente manda sair. E fica bom.</i>

(continua)

Colaboradora	Categoria do mal	Atitude de rezas/benzimento
R2	Gado picado por cobra	<p><i>A gente diz assim: “lacaia rasteira, tu não mordesse essa vaca, mordesse o leite dos peitos de nossa mãe Maria Santíssima. Tenho fé em Deus que o teu veneno se vira na água”.</i></p> <p><i>De quatro, cinco vezes até dez. Muitas vezes, com o ramo, com o ramo. E fica rezando, rezando, reza, reza, reza, reza. Calada só consigo. Não dá pra dizer nunca. Porque se disser, aí não tem futuro.</i></p> <p><i>Quando termina, reza o Pai Nosso com a Ave Maria e oferece as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que aquele bicho que a gente curou, com os poderes de Deus, sairão felizes e bons (categoria 1).</i></p>

Quadro 3 – Detalhamento das rezas/benzimentos com raminhos

A presença do ramo como mediador da cura, na tradição nas rezas/benzimentos, pode se justificar por duas razões fundantes. A primeira delas tem a ver com o fato de que “[...] nossos bens mais valiosos são sempre os símbolos de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo que estamos fazendo: os símbolos de nossas *Weltanschauung*⁸ e *Lebensanschauung*”⁹ (Langer, 1975, p. 287 *apud* Geertz, 2015, p. 146).

Em segundo lugar, pela forte influência dos cultos católicos nas orações. Afinal, o algarismo 1 é número perfeito por excelência, por ser o primeiro ou origem dos outros números; o 3 é perfeito por ser o primeiro composto de ímpar, e por representar o triângulo, marca da perfeição; o 7, o mais significativo na linguagem bíblica: Deus fez o mundo em sete dias (Gênesis 1:1-31, 2:1-2). Indica, portanto, perfeição e totalidade; quando Pedro perguntou a Jesus se deveria perdoar o irmão até sete vezes, o Senhor respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta vezes sete” (Mateus 18:21-22); o versículo bíblico que marca a origem do Universo foi escrito com apenas sete palavras: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Em hebraico esse versículo com sete palavras e exatamente 28 letras, que é 4 x 7, e é também a soma dos sete primeiros algarismos (1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7), com a seguinte distribuição: o versículo divide-se em duas porções iguais: as três primeiras palavras (“No princípio criou Deus”) possuem exatamente 14 letras (2 x 7); e as últimas (“os céus e a terra”) também. Por fim, os três substantivos do texto (Deus, céus e terra) possuem ao todo 14 letras (2 x 7). Por fim, a palavra central do versículo, quando juntada com a palavra da direita (DEUS) forma 7 letras; e quando agrupada com a palavra da esquerda (CÉUS) forma também 7 letras¹⁰.

Por fim, na última categoria, evidenciam-se os símbolos que denominamos métricos e de manipulação de corpos, com ênfase na fita vermelha para medição de parte do corpo do paciente, bem como de manipulação física do próprio corpo.

8 Visão de mundo ou cosmovisão.

9 Filosofia de vida.

10 Cf. <https://www.avozdedeus.org.br/artigos/as-7-primeiras-palavras-da-biblia/>

A colaboradora R1 classificou quatro males que poderiam ser curados mediados por tais símbolos, discriminados no Quadro 4.

Colaboradora	Categoria do mal	Categoria de símbolo	Atitude de rezas/benzimento
R1	Ventre caído	Manipulação de corpos	<p><i>Ventre caído é quando tá com diarreia, né? Diarreia e obrando verde.</i></p> <p><i>O nome do Pai, nome do Filho e do Espírito Santo. Aí vem a oração, Pai Nosso, Ave Maria (categoria 1).</i></p> <p><i>Por isso aqui eu tô com a criança, né? Aí eu pego ela, boto assim de cabeça pra baixo, né? Dou uma puxadinha nela, puxo os pezinhos, puxo a mãozinha. Aí boto ela, levanto ela e digo assim: “Deus quando andou no mundo de tudo ele curou. Ancas abertas, ventre caído,(diz o nome da criança), levantou”.</i></p> <p><i>Reza o Pai Nosso e repete novamente, puxando os dedinhos, rezando o Pai Nosso, puxando os dedinhos (categoria 1).</i></p> <p><i>Quando volta diz: “Quando Deus andou no mundo tudo curou. Arcas abertas, ventre caído, de fulano, levantou”.</i></p> <p><i>Aí quando vai, quando vem na próxima vez termina a Salve Rainha, né?</i></p> <p><i>Aí são três vezes. E às vezes, não precisa ser nem três vezes.</i></p> <p><i>Uma vez só, a mãe diz: “Não vou mais nem que fulano que já tá obrando bem”, então pronto.</i></p> <p><i>Oferecimento: Ofereço essa reza, que rezei agora com as palavras de Deus Pai, com as palavras de Deus Filho, com as palavras de Deus Espírito Santo, a Nossa Senhora das Dores, que aliviais das dores, aliviais dos maus, que fulano volta a ser o normal, com os poderes de Deus, com os poderes do Filho e com os poderes do Espírito Santo. Aí reza a Ave Maria novamente (categoria 1).</i></p>
	Espinhela caída	Fitinhas vermelhas	<p><i>Pega aqui a fitinha. Aí meça a pessoa assim, né? Não tá aqui. Tá aí, né? Aí eu boto na pessoa aqui, ó.</i></p> <p><i>Aí eu começo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (categoria 1).</i></p>

(continua)

Colaboradora	Categoria do mal	Categoria de símbolo	Atitude de rezas/benzimento
	Espinhela caída	Fitinhas vermelhas	<i>“Deus quando andou no mundo de tudo ele curou. Espinhela caída e peitos abertos, de fulano alevantou, fechou. Com Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo, espinhela caída, volta pra teu canto.” Diz isso três vezes, reza o Pai Nosso e a Ave Maria (categoria 1). Oferecimento é o mesmo. A gente só oferece mesmo quando encerra as três vezes (categoria 1).</i>
	Peitos abertos	Fitinhas vermelhas	Mesma de espinhela caída.
	De nervos, de coser	Agulha com paninho	

Quadro 4 – Detalhamento das rezas/benzimentos com fitas ou manipulação de corpos

Corpos metrificados, meticulosamente mensurados pela fita, cena “costurada”, em *performance*, pelo apelo ao divino. Na reza contra o mal do peito aberto (de quase total semelhança com o ritual de cura da espinhela caída), a medida do antebraço precisa rigorosamente ser a mesma da distância horizontal do peito (distância entre as axilas direita e esquerda). Por outro lado, na reza contra ventre caído, a cena “Aí eu pego ela (a criança), boto assim de cabeça pra baixo, né? Dou uma puxadinha nela, puxo os pezinhos, puxo a mãozinha”, a leitura meticulosa do corpo, como forma simbólica de correção física de membros, impõe-se como uma condição crucial à cura da criança. Já na oração destinada à cura contra os nervos, a de coser, a utilização da agulha cosendo o paninho traz forte apelo, durante a *performance*, ao poder ancorador da religião, por meio dos recursos simbólicos, enquanto mobilizadora de sentimentos, crenças, afeições e sensações os mais diversos. Vejamos:

Como a religião ancora o poder de nossos recursos simbólicos para a formulação de ideias analíticas, de um lado, na concepção autoritária da forma total da realidade, da mesma forma ela ancora, no outro lado, o poder dos nossos recursos, também simbólicos, de expressar emoções – disposições, sentimentos, paixões, afeições, sensações – numa concepção similar do seu teor difuso, seu tom e temperamento inerente. Para aqueles capazes de adotá-los, e enquanto forem capazes de adotá-los, os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente (Geertz, 2015, p. 152).

Sentir, crer, transformar-se e buscar um estado de bem-estar diante das dificuldades que o mundo obscuro, complexo e nem sempre acessível propicia aos que buscam a cura por meio das rezadeiras: eis o desafio.

CONCLUSÃO

Este manuscrito se propôs a investigar a dinâmica de leitura de corpos que acontece nos rituais de rezas/benzimentos, ocorrentes no que denominamos Triângulo Místico do Agreste Paraibano, cujos vértices limitam-se entre os municípios de Areia, Remígio e Esperança.

A pesquisa delimitou como problema central a análise da importância dos corpos – tanto do(a) rezador(eira)/benzedor(eira) quanto do sujeito em busca de cura – enquanto matrizes de leituras constantes e dialógicas. Dos nove colaboradores rezadores/benzedores, detalhamos os rituais de reza/benzimento de duas colaboradoras, R1 e R2.

Os dados apontaram para algumas deduções categorizadas nas seguintes dimensões: a) natureza e tipologias de rezas/benzimentos; b) importância dos corpos (rezadores/benzedores e dos pacientes) enquanto mecanismos de leitura dialógicas constantes com base no que denominamos atitudes de rezas e benzimentos; e c) futuro e/ou perspectivas para esta atividade.

Em relação à primeira das deduções, natureza e tipologias de rezas/benzimentos, os resultados apontaram certa regularidade em termos de padrão de rituais simbólicos apresentados, pelas colaboradoras, conforme as três categorias que propusemos, quais sejam: a) os de reprodução icônica; b) os naturais; e c) os métricos e de manipulação de corpos.

Assim, tais rituais obedecem a um simbolismo místico-religioso composto essencialmente de três partes: 1. Introdução (pela evocação do divino: sinal da cruz, Pai-Nosso e Ave-Maria, categoria de reprodução icônica); 2. ritual de reza/benzimento propriamente dito (quer seja com os ramos, que chamamos de naturais; com medidas do corpo, que denominamos de métricos; ou com a manipulação de corpos, em especial quando se trata de cura contra os males de ventre caído, muito comum em crianças e bastante solicitado por pais e mães); e 3. oferecimento (tem a ver com o fato de a quem a rezadeira oferece a cura daquele mal, muitas vezes seguida das orações de despedida: sinal da cruz, Pai-Nosso e Ave-Maria). Em outra perspectiva, tanto na introdução quanto no oferecimento mais orações são acrescentadas, bem como a recomendação de repetição do ritual, a depender da “gravidade do mal”, sentida pelas rezadeiras.

Em relação aos tipos de rezas, os dados também apontam certa coincidência entre as colaboradoras. Entre as rezas comuns, destacam-se aquelas contra os seguintes males em humanos: mau-olhado; ventre caído; dor de cabeça; vermelhidão; de coser, nervo torcido; espinhela caída; peito aberto; erisipela; dor de dente; hemorragia; dor de cabeça; de pontada; de xuxada; nos olhos; nos ossos; nas carnes; e na feiura. Já contra males que acometem os animais, relataram a reza pra cura de gado mordido de cobra. Quando questionadas sobre rezas para combate a fogo, uma delas alegou esquecimento e a outra afirmou não saber.

Para a segunda das categorias propostas, qual seja a importância dos corpos (rezadores/benzedores e dos pacientes), com base no que denominamos atitudes de rezas e benzimentos, alguns dados chamam a atenção. Excetuando-se uma das colaboradoras, que alegou rezar a distância para pessoas ou animais, é praxe a presença de um corpo físico, a do(a) paciente, para que o ritual ocorra. Portanto, um corpo que será lido: medido e tocado diretamente (no caso da cura contra espinhela caída e peito aberto), apenas tocado (na cura de crianças contra ventre caído); ou tocado indiretamente (no caso do uso do raminho, contra

mau-olhado e outras doenças); ou até mesmo em que a leitura é feita a distância próxima (no caso de cura contra mal de nervo torcido, quando a rezadeira “cose o nervo”, com o simbolismo de agulha e um paninho).

Em outra perspectiva, são comuns, à luz dos dados analisados, os seguintes padrões de procedimentos ritualísticos durante e no pós-reza:

- a) que o procedimento de reza/benzeção ocorra, segundo elas, “baixinho”, de maneira discreta, e sem a presença de curiosos;
- b) não aceitam qualquer forma de pagamento, exceto, em alguns casos, “al-gum agrado”, embora não tenham explicitado de qual espécie;
- c) disponibilizam-se a rezar em qualquer dia da semana, exceto uma delas, que alegou que aos domingos só reza após a missa;
- d) todas se declararam católicas, embora uma delas tenha alegado ter sido protestante;
- e) ambas admitem certo esgotamento físico, espécie de cansaço, após a reza, em alguns momentos, ficando até doente, em especial se se tratar de retirar mau-olhado posto por mulher: “Quando eu rezo, eu fico assim, meia lá, meia cá, mas melhora depois. E os homens, eu rezo, mas não tem tanto [...] Porque se a gente for benzer de mulher, a gente benze e se encontra mal. E se for de homem é mais tranquilo. Porque se for... (riso solto). Porque se for de mulher, às vezes é mais carregado, viu?” (R2);
- f) é padrão entre as colaboradoras, em caso de uso de raminho, a escolha sempre de número ímpar de galhos, jamais número par. Ao fim da reza, se pedirem a qualquer pessoa para jogá-lo fora, que esta sempre o faça com a mão esquerda, jamais com a direita. Não justificaram as razões. “Joga fora. Se eu der a outra pessoa pra pegar, pega com a mão esquerda e joga lá fora. Não pode pegar. Com a mão direita. Não quer passar mais pra pessoa” (R1);
- g) uma das colaboradoras alegou, enquanto jovem e até a fase madura, não rezar/benzer enquanto estivesse menstruada, embora não tenha alegado as razões.

Por fim, ao serem questionadas em relação ao futuro e/ou à possibilidade de passarem adiante as suas rezas, as respostas nos pareceram lacônicas, entretanto se disponibilizaram a ensinar. De certa forma, uma das colaboradoras apresentou certa resistência, em especial em relação à limitação de repassar a reza para pessoas de mesmo gênero, cujas razões não foram explicitadas: “Porque se eu ensinar a minha reza a uma mulher, a minha força já era. Eu tenho que passar pra um homem, mas pra mulher eu não posso. E o homem, se souber, tem que passar pra mulher. Não pode passar pra outro homem, porque senão a força da reza já era. [...] se alguém pretende, quer dizer, eu ensino” (R1); ou “O povo não vem pra eu ensinar. Não vem perguntar pra eu ensinar. Como é que eu ensino?” (risos) (R2).

Reconhecemos que algumas entre essas questões podem e devem ser mais aprofundadas em outros trabalhos. De toda forma, essas mulheres, ao resistirem, se ressignificam, se abrem à pesquisa, se redescobrem e mostram seus valores. Eis o desafio da pesquisa etnográfica: redescobrir nos rincões o que há de mais valioso.

BODIES THAT READ BODIES: A LOOK AT THE RITUALS OF PARAÍBA'S HEALERS

Abstract: This manuscript investigates the ritual of reading bodies, based on the activities of the prayer/healer women, located in the space we call the Mystical Triangle of Agreste Paraibano, hereinafter Tmap, between the municipalities of Areia, Remígio and Esperança. The research is limited to the analysis of the importance of these bodies – both of the prayer/blessing woman – and of the subject in search of healing – as constant dialogical matrices of reading.

Keywords: Reading. Bodies. Ritual. Prayer/healer women. Healing.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1974.
- CHANLAT, J.-F. (org.). *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas, 1996. (v. II e II).
- FOUCAULT, M. *O corpo utópico: as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GLUSBERG, J. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. (tomo III).
- RIVIÈRE, C. *Os ritos profanos*. Tradução Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SEGALEN, M. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio Janeiro: FGV, 2002.
- TRICE, H. M.; BEYER, J. M. Using six organizational rites to change culture. In: TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 25-27.
- TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, P. A poesia e o corpo. In: ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Cultural, 2005. p. 65-80.
- ZUMTHOR, P. *Performance, recepção e leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.